



UNIVERSIDADE
ESTADUAL PAULISTA
“JULIO DE MESQUITA FILHO”

MARGARETE MARIA DA SILVA

***O PARADIGMA INDICIÁRIO E A REFACÇÃO NO ENSINO DE PRODUÇÃO
TEXTUAL***

ARARAQUARA

2012

MARGARETE MARIA DA SILVA

O PARADIGMA INDICIÁRIO E A REFACÇÃO NO ENSINO DE PRODUÇÃO TEXTUAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristina Martins Fargetti

ARARAQUARA

2012

Aos meus pais, Armelindo e Valdelice,
pelos grandes professores que
foram em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Meus singelos agradecimentos a todos os que colaboraram de algum modo com minha formação acadêmica.

Primeiramente, à Cristina Martins Fargetti pela orientação, pelos conselhos, pela disposição e pelo incentivo,

À Jalili Aparecida Moysés, professora de Língua Portuguesa da Escola Estadual Professor Martinho Rubens Belluco, por sempre ter me incentivado a ingressar na Universidade e por ter sido modelo a ser seguido,

À Fernanda Monice Gobetti, professora de Língua Portuguesa da Escola Estadual Professor Martinho Rubens Belluco, por ter acreditado no meu trabalho, pela prontidão em ajudar e pelos tantos conselhos dados,

Aos alunos do 2º ano do Ensino Médio por haverem realizado as produções e refacções de modo voluntário, sem que isso fizesse parte da disciplina,

À direção da Escola Estadual Professor Martinho Rubens Belluco, por ter permitido a realização do projeto,

Ao meu pai, Armelindo Ferreira da Silva, pelo tanto que me ensinou desde os meus primeiros passos,

À minha mãe, Valdelice Maria da Silva, por ter sido a mão que segurou comigo o lápis quando escrevi as primeiras palavras,

De um modo especial ao meu avô, José Ferreira da Silva, que apesar de não ter tido a chance de ver findado este trabalho, me incentivou a cada sorriso, a cada demonstração de amor e orgulho,

Ao meu namorado, Albert Alvino, por todo o apoio e por sempre ter me encorajado a seguir em frente, apesar de todas as horas que lhe foram roubadas,

Às amigas e companheiras de muitos momentos, Thaís Fernanda Cezarino, Talita Franco Perazzo pela amizade construída nos corredores da faculdade e, em especial, à Nayane Maria Mensato dos Santos, pela prontidão com que sempre me ajudou,

À amiga, Samaara de Souza dos Santos, pela amizade sem cobranças, pelos desabafos, e por todos os sorrisos, desde o primeiro dia em Araraquara,

E por fim, à amiga, Fátima Alencar Gregolim, pelas tantas conversas, pelos momentos de distração que me proporcionou e, principalmente, pela amizade de tantos anos.

“Quando os ventos de mudança sopram, umas pessoas levantam barreiras, outras constroem moinhos de vento”

(Érico Veríssimo)

RESUMO

A prática da reescrita é um dos métodos mais eficazes para aprender a dar sentido aos textos produzidos, a escrever textos coesos e coerentes, a não cometer erros de gramática, a se familiarizar com a ortografia da língua e, conseqüentemente, cometer cada vez menos erros desse tipo. Além disso, a reescrita permite chegar a textos com argumentação bem construída, a sair de textos de senso comum, a deixar de lado a linguagem infantilizada, a escrever para um leitor que não apenas o professor e a se acostumar com as características próprias de cada tipo de texto.

Foram realizadas análises de textos escritos por estudantes do 2º ano do Ensino Médio a partir dos pressupostos teórico-metodológicos referentes ao paradigma indiciário, paradigma este que permite análises do tipo qualitativa, desenvolvido no âmbito das ciências humanas. A partir do olhar de detetive proposto pelo paradigma indiciário foi possível indicar os erros cometidos pelos estudantes, fazê-los refletir sobre os próprios textos e melhorá-los através da reescrita.

Os resultados obtidos com as refacções mostram que é este um método eficiente de se trabalhar em sala de aula, pois essa prática permite que o aluno se volte para os seus erros de forma a corrigi-los. Além disso, é possível concluir que essa prática constante tende sempre a trazer resultados positivos, visto que quantas mais forem as reescritas, melhor o texto se torna. Nesse sentido, a utilização do paradigma indiciário é muito pertinente por permitir uma análise minuciosa, mais atenta aos erros cometidos e às análises dos mesmos.

Palavras-chave: reescrita, texto, paradigma indiciário, Escola Estadual Professor Martinho Rubens Belluco,

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
SEÇÃO 1: A REFACÇÃO DE TEXTOS	10
1. A prática da escrita e da reescrita	10
SEÇÃO 2: CONCEPÇÃO E APLICAÇÃO DO PARADIGMA INDICIÁRIO	11
2.1. As origens de um modelo epistemológico voltado para análises qualitativas	11
2.2. As disciplinas indiciárias e o seu rigor científico	11
2.3. O paradigma indiciário e sua aplicação na área da Linguística	12
2.4. O Paradigma Indiciário e a refacção na produção textual	13
SEÇÃO 3: A ESCOLA, OS ALUNOS E AS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	14
3.1. Características gerais da escola.....	14
3.2. Breve descrição dos alunos.....	14
3.3. Atividades realizadas	15
SEÇÃO 4: ANÁLISE DE TEXTOS	16
4.1. Proposta temática.....	16
4.2. Texto 1- Primeira versão.....	18
4.2.1. Análise	18
4.2.2. Correções sugeridas	21
4.2.3. Segunda versão do texto	22
4.2.4. Análise	23
4.2.5. Correções sugeridas	26
4.2.6. Terceira versão do texto.....	27
4.3. Texto 2 – Primeira versão.....	28
4.3.1. Análise	28
4.3.2. Correções sugeridas	29
4.3.3. Segunda versão do texto.....	30

4.3.4. Análise	31
4.3.5. Correções sugeridas	32
4.3.6. Terceira versão do texto.....	33
4.4. Texto 3 – Primeira versão.	33
4.4.1. Análise	34
4.4.2. Correções sugeridas	35
4.4.3. Segunda versão do texto.	35
4.4.4. Análise	36
4.4.5. Correções sugeridas	36
4.4.6. Terceira versão do Texto.	37
SEÇÃO 5: O DESEMPENHO GERAL DA CLASSE	39
CONCLUSÃO.....	43
REFERÊNCIAS	45
BIBLIOGRAFIA	46

INTRODUÇÃO

A produção textual dos estudantes de Ensino Médio da Escola Estadual Professor Martinho Rubens Belluco - situada na cidade de Americana, SP, mostrou problemas significativos com relação à coerência e à coesão, a aspectos gramaticais, ortográficos e, principalmente, no que diz respeito ao conteúdo do texto, pois apresentam uma argumentação fraca e informações que não são possíveis de recuperar se o leitor não for o professor, ou seja, se não souber qual é a proposta do texto.

Este trabalho desenvolvido caracteriza-se por análises, feitas a partir dos conceitos de Paradigma Indiciário, de produções textuais de estudantes do Ensino Médio, cujo enfoque principal e característico está na atenção especial dada aos erros e às operações de refacções. Neste contexto, os erros são tomados como a base para a reflexão sobre o texto e o ponto de partida para o trabalho com a escrita, pois a contemplação dos erros faz com que o sujeito passe a refletir sobre o próprio texto e tenha assim a chance de melhorá-lo.

A análise da produção textual dos estudantes possibilitará a divulgação de problemas, tais como a falta de domínio dos elementos que constituem o texto, a coerência e a coesão, além das falhas ortográficas e gramaticais, e, principalmente, o pouco domínio da argumentação, advindo do pouco domínio da leitura, fatos recorrentes nas escolas de ensino público. Além disso, levar os estudantes a compreenderem a importância da construção de um texto bem sucedido, com argumentos sólidos e bem escrito e, através da prática da escrita, levá-los a fazer uso desses recursos. Ainda com este estudo, pretende-se mostrar os resultados positivos obtidos com a prática da reescrita e salientar a importância da mesma no ambiente escolar. O que apresenta contribuições metodológicas para professores do Ensino Médio, e mesmo do Fundamental.

SEÇÃO 1: A REFACÇÃO DE TEXTOS

1. A prática da escrita e da reescrita

Sírio Possenti (2005) defende a prática de escrita e mais do que isso, a prática de reescrita como a forma mais eficaz de aprender a escrever textos que veiculem sentidos, informações e que ainda sejam escritos nos padrões da língua. Segundo ele é por meio da escrita contínua e da reescrita que se aprende a dominar normas de gramática e de textualidade.

Para o autor, um texto precisa ser correto e bem-escrito para ser adequado. Um texto correto é um texto escrito segundo as normas, as regras da língua, levando em conta a norma culta; já um texto bem-escrito é aquele que corresponde às características do gênero textual ao qual se insere, que satisfaz as exigências de ordem textual, de coesão e coerência. No entanto, não é suficiente que um texto satisfaça exigências de ordem gramatical e de ordem textual, pois se um texto for apenas uma soma de frases ou se for insosso, sem marcar a posição do autor, isso significa que não temos um texto adequado. Segundo Possenti (op.cit.), um bom texto deve incluir marcas de autoria e, além de ser coerente e coeso, o texto deve incorporar traços que lhe deem mais densidade, mais informatividade.

Possenti afirma também que o ideal é que o texto na escola passe pelo mesmo processo que um texto a ser publicado, ou seja, que o texto seja primeiramente escrito pelo autor, e depois dessa primeira versão entregue, o texto seja revisado, momento em que se farão inúmeras adequações a ele e, em seguida, o mesmo seja reescrito pelo autor. Deste modo, o autor afirma que para alcançar resultados satisfatórios no que diz respeito a produzir bons textos é necessário que a escrita seja praticada, que os estudantes escrevam regularmente.

Sírio Possenti *et al.* (2008) distinguem corrigir de revisar, pois para eles, corrigir significa compreender o erro e o motivo que levou a isso e revisar é ir mais além de corrigir porque é não só corrigir o erro, mas também fazer alterações no texto de aspectos que não estão “errados”. Neste sentido, reescrever, para o autor, significa adequar o texto a certo gênero, para certa finalidade e um público de leitores em específico.

SEÇÃO 2: CONCEPÇÃO E APLICAÇÃO DO PARADIGMA INDICIÁRIO

2.1. As origens de um modelo epistemológico voltado para análises qualitativas

Carlo Ginzburg (1989) procura mostrar como, no final do século XIX, o Paradigma Indiciário emergiu no âmbito das ciências humanas. Segundo ele, trata-se de um modelo epistemológico voltado para análises qualitativas e suas raízes podem ser observadas na história de algumas práticas humanas como as de caça e adivinhação. O autor afirma que até por motivos de sobrevivência, os homens foram desenvolvendo, durante milênios, certas habilidades a partir de sua atividade de caçador, pois para obter bons resultados em tal atividade o homem aprendeu a farejar pistas, registrá-las, interpretá-las e classificá-las por menores que fossem.

Ginzburg procura mostrar que o paradigma de análise se preocupa com os sinais que caracterizam a singularidade de cada objeto e para exemplificá-lo analisa nos textos divinatórios mesopotâmicos, redigidos a partir do terceiro milênio a.C, o paradigma implícito, afirmando que nesses textos haveria algo que, para o observador comum, não era experimental ao passo que, para os adivinhos, era reconhecido por meio de uma minuciosa análise da realidade. Segundo ele a principal divergência que havia era o fato de que a decifração estaria voltada para o passado e a adivinhação para o futuro, mas, ainda assim, a atitude cognoscitiva nos dois casos era muito parecida e as análises, comparações e classificações, ou seja, as operações intelectuais envolvidas eram idênticas.

2.2. As disciplinas indiciárias e o seu rigor científico

Segundo Carlo Ginzburg (1989), as disciplinas indiciárias são eminentemente qualitativas, pois são casos, situações e documentos individuais que constituem os seus objetos de análise, pois estão interessadas na relevância dos dados que estão sendo investigados e não na quantidade destes, diferentemente do que acontece nas disciplinas ditas galileanas, pois nestas, por meio de métodos experimentais e da matemática, é possível quantificar os fenômenos e chegar a conclusões a partir de observações estatísticas dos fatos. Assim, uma característica base para a pesquisa qualitativa é a seleção de dados pertinentes. Para o autor:

“Neste ponto, abriram-se duas vias: ou sacrificar o conhecimento do elemento individual à generalização (mais ou menos rigorosa, mais ou

menos formidável em linguagem matemática), ou procurar elaborar, talvez às apalpadelas, um paradigma diferente, fundado no conhecimento científico (mas de toda uma cientificidade por se definir) do individual” (GINZBURG, 1989, p. 163).

Assim, segundo Ginzburg, se se tivesse como parâmetro o estatuto científico das ciências galileanas, podia ser um problema para as ciências humanas assumir um estatuto científico fraco. No entanto, com a utilização do paradigma indiciário se chegava a resultados relevantes e, dessa maneira, estava sendo instaurado um modelo diferente daquele imposto pelas ciências naturais, um novo modo de se fazer ciência, em que o mais importante era os resultados em que se podia chegar. A nova perspectiva qualitativa redefiniu a noção de rigor científico, assim, o rigor passava a ser construído pela relevância dos dados analisados e respectivos resultados das análises e não mais por comprovações estatísticas ou matemáticas. O próprio autor questiona se o paradigma indiciário pode ser rigoroso, tendo em vista o tipo de rigor exigido pelas ciências galileanas, mas, para ele, não é o caráter científico desse tipo de análise qualitativa o que está em questão, pois ela pode até não ser considerada como ciência, seguindo os padrões das ciências naturais. O importante é deixar claro que o rigor que a pesquisa qualitativa exige é diferente do das ciências galileanas, já que o olhar do pesquisador está voltado para a singularidade dos dados.

O rigor da pesquisa qualitativa é um rigor flexível, como o autor denomina, no interior do qual entram em jogo a intuição do investigador na observação das singularidades e a capacidade de formular hipóteses explicativas para aspectos da realidade que não são captadas diretamente, mas recuperadas através de indícios.

2.3. O paradigma indiciário e sua aplicação na área da Linguística

Segundo Cristiane Duarte (1998) o Paradigma indiciário vem sendo utilizado em pesquisas linguísticas já há algum tempo, por permitir explicar ou ao menos conjecturar sobre dados de natureza idiossincráticos e que não se enquadram no padrão da normalidade da língua. Para a autora, esses dados são relevantes porque são caracterizados pela singularidade, ou seja, são exemplos representativos de certos fenômenos linguísticos que permitem àqueles que os analisam descrever diferentes aspectos da linguagem. O dado singular, portanto, é aquele que permite o estabelecimento de reflexões sobre fenômenos da linguagem e que revelam algo mais sobre o que se busca compreender.

2.4. O Paradigma Indiciário e a refacção na produção textual

O paradigma indiciário caracteriza a correção dos textos feita neste trabalho, já que fornece uma possibilidade de trabalhar o texto em sala de aula de forma a considerar a produção textual dentro de um processo, em que o texto não é visto como um produto acabado que deve ser apenas avaliado, mas o momento de refletir sobre o que foi escrito e refazer o texto de forma a melhorá-lo.

Corrigir textos, partindo do pressuposto que ele não é um produto acabado, faz com que a correção seja mais apurada, que leve em conta questões referentes ao sentido do texto e não tão somente a ortografia e a gramática. Durante o trabalho com a produção textual dos estudantes de Ensino Médio da Escola Estadual Professor Martinho Rubens Belluco, foi possível observar que a correção mais comum que se faz a um texto escolar é baseada no uso correto da língua escrita padrão e a nota que se atribui ao texto refere-se apenas a esse quesito. Assim, um texto escrito corretamente, dentro dos padrões da norma, recebe uma nota alta, ainda que este não apresente nenhum sentido, seja pobre de informações e de argumentos, ao passo que, um texto que precise ser trabalhado apenas no sentido de rever normas de gramática e ortografia, recebe uma nota baixa, com apenas correções desse tipo. Em ambos os casos, não existe esclarecimentos aos estudantes de quais os pontos a serem melhorados, no caso de erros de ortografia eles ainda vem explicitados no texto, e embora não seja exigido ao estudante que o reescreva, ele consegue visualizar os erros que cometeu, podendo melhorar a escrita a partir das observações feitas, se lhe for de interesse, no entanto, o mesmo não ocorre com relação a falhas na informação e argumentação do texto, pois o estudante apenas recebe uma nota, e o seu texto é devolvido sem nenhuma correção, o que faz com que ele entenda que não cometeu nenhum erro e que, portanto, o texto não precisa ser melhorado, ficando sempre repetindo os mesmos erros, sem apresentar nenhuma melhoria.

O modo de correção, apresentado neste trabalho, exige que o professor adote um olhar de detetive, mais atento a todos os tipos de erros, não só aos erros referentes à ortografia e gramática, ou seja, exige do professor uma verdadeira mudança na perspectiva da correção dos textos. Essa nova perspectiva deve levar em conta a possibilidade de refacção para o aprimoramento. A correção deve ser detalhada, pois os erros devem ficar claros ao aluno para que lhe seja possível entendê-los, refletir sobre eles e conseguir reescrever o texto.

Uma vez que o texto deixe de ser apenas avaliado e passe a ser refletido e trabalhado a produção textual dos estudantes começará a melhorar, visto que os estudantes não tem consciência dos erros que cometem e não se sentem estimulados a melhorar.

SEÇÃO 3: A ESCOLA, OS ALUNOS E AS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

3.1. Características gerais da escola

O trabalho com a escrita e reescrita de textos foi realizado na Escola Estadual Professor Martinho Rubens Belluco, situada à Rua: Aristodemo Ardito, nº 550, no bairro Jardim do Lago, na cidade de Americana, estado de São Paulo. A escolha da escola se deve ao fato de ter sido a escola em que finalizei o Ensino Regular e pela vontade de retribuir de alguma maneira todo o conhecimento que ali adquiri.

A escola trabalha com o Nível Fundamental e Médio do Ensino Regular, cujas aulas são ministradas nos períodos diurno, vespertino e noturno. Não é uma escola muito grande, possui poucas salas de aula, que comportam as turmas do Ensino Fundamental que vão da 5ª à 8ª série (6º ao 9º anos) e Ensino Médio, que vão do 1º ao 3º anos, com uma média de 40 alunos por sala, totalizando cerca de 1.200 alunos.

As salas de aula possuem uma infraestrutura pouco satisfatória, pois dispõem apenas de lousa e giz, que são disponibilizados no momento da aula, e não há outros tipos de materiais como multimídia nas salas, uma realidade que pode ser estendida às escolas estaduais de um modo geral.

A escola dispõe de uma biblioteca e uma sala de vídeo com alguns computadores. Trata-se de uma biblioteca pequena, que não possui o número adequado de exemplares de livros, mas que, ainda assim, é aberta aos alunos, que podem retirar livros para fazerem leituras extraclases. O mesmo não ocorre com a sala com computadores, que só é aberta mediante prévio agendamento e autorização da coordenação. Além disso, o acesso à internet é muito lento e limitado, o que despende muito tempo para a realização de qualquer atividade, ainda que seja uma atividade bem simples.

3.2. Breve descrição dos alunos

Os alunos, com os quais as atividades de reescrita foram realizadas, são estudantes do 2º ano do Ensino Médio. É importante ressaltar que no início das atividades os mesmo cursavam ainda o 1º ano, e justamente por esse motivo é que se optou por realizar o trabalho com eles, pois haveria a possibilidade de dar continuidade ao trabalho com os mesmos alunos, já que levaria ainda mais dois anos para o término dos estudos. Os alunos são estudantes do período noturno e, em sua maioria, trabalham durante o dia todo.

3.3. Atividades realizadas

Com relação às atividades desenvolvidas, além da produção textual, houve algumas aulas expositivas, em que se tratou dos erros mais frequentes encontrados nas redações. É importante dizer que, antes da realização das reescritas com coletânea de texto, foi realizado um trabalho de reescrita com textos realizados a partir de um tema proposto pelo professor e nestas, foi possível também observar uma melhora nos textos dos alunos.

No que diz respeito à proposta temática, segundo Possenti (2005), o ideal para uma boa escrita dos estudantes é que haja informações, fatos, opiniões, ou seja, algum material de base para que eles tenham um ponto de partida para escrever textos que fazem sentido. Levando isso em consideração, analisaram-se redações escritas a partir da proposta temática do vestibular do meio do ano da UNESP de 2011, cujo tipo de texto exigido foi dissertativo, em que havia uma coletânea de textos, os quais deveriam ser alvo de intertextualidade.

A coletânea de textos apresenta pontos de vista diferentes sobre o tema proposto, como uma maneira de melhor contextualizar o tema para o estudante e ao mesmo tempo delimitar os aspectos que deveriam ser considerados para o desenvolvimento do tema. Contêm fragmentos de diferentes opiniões, apresentadas de maneira não tendenciosa sobre o tema, diante do qual deveria ser tomada uma determinada posição sobre a qual deveriam ser alicerçados argumentos coerentes a partir da leitura da coletânea.

SEÇÃO 4: ANÁLISE DE TEXTOS

4.1. Proposta temática

Instrução: Leia os trechos dos textos que se referem ao futuro do livro.

Texto I

“A possibilidade do fim do livro é traumática porque o livro não pode jamais ser visto apenas como material inerte ou simples objeto de consumo. É antes um objeto simbólico e uma instituição aos quais a cultura pós-Gutenberg confiou a tarefa de armazenar e fazer circular praticamente todo o conhecimento considerado relevante. Enquanto instituição, o livro representa uma forma de socialização que compreende todo um circuito de produção e consumo: autores, editores, leitores, críticos, comunidades interpretativas institucionalizadas. Como qualquer forma de socialização, a instituição do livro cria um espaço público, estabelece hierarquias e constitui identidades nos grupos e nos indivíduos que dela participam.”

(Sérgio Luiz Prado Bellei, O fim do livro e o livro sem fim. Universidade Federal de Santa Catarina: <http://lfilipe.tripod.com/bellei.html>)

Texto II

Com relação ao desaparecimento do livro, os dois [Umberto Eco e Jean-Claude Carrière] observam com razão que as tecnologias digitais ficam obsoletas muito mais rapidamente que o livro impresso. Carrière vai buscar em sua biblioteca um pequeno incunábulo em latim, impresso em Paris em 1498; com exceção de umas poucas palavras obscuras, é perfeitamente legível como linguagem e como tecnologia, cinco séculos depois. E ele cita o caso de um cineasta belga, seu amigo, que tem no porão de casa 18 computadores diferentes, para poder consultar trabalhos antigos, criados em programas de PC que não são mais usados hoje.

Os dois comentam que a possibilidade atual de armazenar quantidades imensas de dados não significa que tudo isto continuará armazenado (e acessível) indefinidamente, e observam que mesmo uma biblioteca gigantesca não passa de uma mera seleção, um filtro de escolha, de prioridades, aplicado a um a cultura. “O que devemos preservar?” – eis a questão, porque é impossível preservar tudo, tanto quanto é impossível consultar tudo quanto foi preservado (e que é necessariamente uma pequena parte desse todo).

(Braulio Tavares. Não contem com o fim do livro: <http://jornaldaparaiba.globo.com/>)

Texto III

Ou seja, apesar de sua imagem idealizada – às vezes, sacralizada – de fonte de lazer, informação, conhecimento, fruição intelectual, o livro, enquanto objeto, é apenas “o suporte da leitura”, o meio pelo qual o escritor chega ao leitor. E assim permanecerá até que “alguma coisa similar” o substitua. Saber quanto tempo essa transição levará para se consumir é mero e certamente inútil exercício de futurologia. Até porque provavelmente não ocorrerá exatamente uma transição, mas apenas a acomodação de uma nova mídia no amplo universo da comunicação. Tem sido assim ao longo da História. Tranquilizem-se, portanto, os amantes do livro impresso. Tal como “a colher, o martelo, a roda ou a tesoura”, ele veio para ficar, pelo menos até onde a vista alcança. E não se desesperem os novidadeiros amantes de gadgets. Estes continuarão sendo inventados e aprimorados por força da voracidade do business globalizado. E é possível até mesmo que algum deles venha a se tornar definitivo e entrar no time do livro, da colher, da roda...

(A. P. Quartim de Moraes. É o fim do livro? Rir para não chorar. www.estadao.com.br/)

Proposição

Os e-readers, aparelhos de leitura de livros digitalizados, e os chamados tablets, que incorporam outras funções além da leitura de livros e revistas, estão conquistando cada vez mais usuários. Hoje já é possível, com um desses leitores digitais, ter uma biblioteca de milhares de obras e, além disso, acessar para leitura imediata jornais e revistas do mundo inteiro. Diante dessa nova realidade, caracterizada por uma competição muito grande entre empresas que pretendem criar o melhor aparelho eletrônico de leitura, muitos estudiosos já preveem o fim dos jornais e revistas e o fim dos livros. Outros, porém, questionam tais previsões e afirmam que o livro não desaparecerá. Que poderá acontecer de fato?

*Com base nos textos apresentados na instrução escreva uma redação de gênero dissertativo, empregando a norma-padrão, sobre o tema: **O futuro do livro.***

4.2. Texto 1 - Primeira versão.

O futuro do livro

Pra mim futuro do livro, haverá muitos anos, por que o livro ele é escrito não é digitado porque o livro ele é melhor do que um computador o livro por ser escrito, ele dura mais do que um computador um livro, ele pode ser escrito agora que dura, pra sempre por muitos e muitos anos e ja no computador a gente pode colocar escrever mas nisso de colocar e escrever, isso se perde fácio no programa, por que já se perde fácio porque já no computador já existe muitos e muitos programas e é possível considerar que o livro é bem melhor do que o computador.

Mas o computador conhecido como PC já tem mais vantagens do que livro etc.

Se portanto for considerar que o livro é melhor do que o computador não tem a mesma capacidade do que o livro.

Sim a capacidade entre os dois é divina porque se mesmo algum dos dois for definitivo o que pode acontecer de fato.

Mas entre o livro e o computador de fato, o melhor é o livro.

Na minha opinião é o livro o futuro e sempre será.

4.2.1. Análise

A primeira versão do texto apresenta muitos erros, de todos os tipos. O primeiro parágrafo do texto se inicia com uma marca de oralidade, “Pra mim”, que é também uma marca de pessoalidade, dois erros que não poderiam constar em um texto dissertativo. O “pra” deveria ser substituído por “para” se fosse o caso, mas a sugestão neste contexto seria tirar do texto essa marca de pessoalidade. Na frase “Pra mim futuro do livro, haverá muitos anos” houve uma separação do sujeito e o verbo, feita por meio do uso de uma vírgula. O mau uso da vírgula também ocorreu em “haverá muitos anos, por que”, visto que o “por que” indica uma explicação que se seguirá sobre o que foi dito e, portanto, não é adequado separá-lo da frase que o precede. Ainda nessa frase o “por que” não deveria aparecer separado, já que se trata de uma explicação e não de uma pergunta. O que se segue é o uso inadequado do pronome pessoal, pois o estudante o coloca ao lado do substantivo a que se refere “o livro ele”, tendo assim uma repetição da mesma ideia, o que representa também uma marca da oralidade.

Na frase “o livro ele é escrito não é digitado porque o livro ele é melhor do que um computador” primeiramente seria necessário colocar uma pausa entre “é escrito” e “não é digitado”. O “porque” está colocado na frase de maneira inadequada, já que empregado dessa maneira tem o mesmo sentido de “pois”, restringindo-se a explicar o que o precedeu. Para dizer que o livro é melhor do que o computador, por ser escrito e não digitado, deveria ser usado “por isso”, que teria a função de explicar o motivo pelo qual o estudante considera o livro melhor. A frase, da maneira que foi escrita, apresentou ideias muito confusas, causando um problema de entendimento com relação ao sentido que o autor queria expressar; aliás, a recuperação do sentido foi feita de forma intuitiva, sem a certeza de que foi realmente o que o autor quis transmitir. Além das falhas apresentadas, a frase deveria ser seguida de um ponto, marcando o seu fim e anunciando o início de uma nova frase, pois foi o que o estudante fez em seguida.

Na frase “o livro por ser escrito, ele dura mais do que um computador” deveria haver uma vírgula antes da preposição “por”, já que se trata de um aposto explicativo. Além do já exposto, houve na frase a retonada desnecessária do substantivo “livro” por meio do pronome “ele”. Esta frase também deveria ser seguida de uma pausa, pois o que se segue é “um livro, ele pode ser escrito agora que dura, pra sempre por muitos e muitos anos”. Nesta oração apresentada, há novamente a retomada o substantivo “livro” por meio do pronome “ele”, mais uma vez uma retonada dispensável. Neste caso, deveria ser suprimido o uso do pronome, bem como o uso da vírgula, já que o uso da mesma não é cabível por separar o sujeito do verbo. Ainda com relação ao uso de vírgulas, o estudante faz uma separação das ideias que não é possível, pois “pra sempre” faz parte da oração e, portanto, não deveria estar separado de “dura”. Em “pra sempre” há marca da oralidade e deveria ser substituído por “para sempre”, fato já observado anteriormente. Nesta frase também deveria ser suprimido “por muitos e muitos anos”, já que a ideia expressa em “pra sempre” é completa e o uso de “por muitos e muitos anos” de certa forma contradiz a expressão “pra sempre”, pois “pra sempre” significa o mesmo que dizer por todos os anos que virão, o que é diferente de muitos e muitos anos, já que pode ser muitos e, sendo muitos, pode não ser todos.

A frase acima continua com “e ja no computador a gente pode colocar escrever mas nisso de colocar e escrever, isso se perde fácio no programa,” frase que no início apresenta um erro de acentuação, pois “ja” é acentuada. Há mais uma vez a marca de oralidade no texto, “a gente pode”, que deveria ser substituído por “nós podemos” se fosse o caso, mas o ideal seria substituir pela marca de impessoalidade. Em “a gente pode colocar escrever” falta completar o sentido, pois não se sabe o quê se pode colocar e escrever no computador, além

disso, há a necessidade de colocar a conjunção “e” entre “colocar” e “escrever”, pois essa construção feita pelo aluno não é possível na língua escrita. Falta também uma vírgula entre “escrever” e “mas”. Em “mas nisso de colocar e escrever, isso se perde fácil no programa,” não fica claro as ideias, pois “nisso” refere-se ao “colocar e escrever”, que não se sabe o quê e ainda não fica claro o que se perde fácil no programa, pois pode dar a entender que é o processo de colocar e escrever que se perde, o que não é possível. Há ainda um erro de ortografia na palavra “fácio”, que deveria ser substituída por “fácil”.

Sucedendo a frase apresentada acima aparece a frase “por que já se perde fácil porque já no computador já existe muitos e muitos programas e é possível considerar que o livro é bem melhor do que o computador.” O primeiro fato a ser observado é que a frase anterior termina com uma vírgula, e esse uso é inadequado porque o que se tem é o “por que” com sentido de explicação da frase anterior e, portanto, não deveria aparecer separado da mesma. Assim como a palavra “por que” não deveria ser escrita de forma separada para dar o sentido desejado. Além de haver o erro de ortografia na palavra “fácio”, a frase como um todo não apresenta a explicação desejada, o que gera uma falta de sentido. Há a repetição do vocábulo “já”, que torna a frase ainda mais confusa para o leitor. Há ainda um erro de concordância, pois o verbo “existir” deveria concordar com “muitos e muitos programas”, o que não ocorre. O estudante não explica porque o fato de o computador ter muitos programas faz com que seja fácil perder o que se colocou e escreveu. Além disso, não ficou claro se é pela quantidade de programas, se pela possibilidade de perda que o livro é melhor do que o computador. É preciso dizer ainda que “considerar que o livro é bem melhor do que o computador” é uma possibilidade e, como tal, deve ser escrito com o verbo no subjuntivo.

O segundo parágrafo é iniciado com “mas”, o que não é adequado, visto que sua função é a de contrapor argumentos e, desta forma, é preciso que haja algum antecedente, não é possível essa construção. Neste caso, este parágrafo deveria ser uma continuação do primeiro ou o aluno deveria procurar outra maneira de começar o parágrafo. O aluno não desenvolve as ideias que, como exposto no primeiro parágrafo, deveriam ser à favor do livro e não contra ele. O parágrafo todo se limita a uma frase “Mas o computador conhecido como PC já tem mais vantagens do que livro etc.” Nela, se sente a falta das vírgulas entre “computador” e “conhecido” e entre “PC” e “já”, marcando o apostro. Não há a exposição das vantagens que o computador apresenta, sem falar na contradição com os argumentos apresentados no parágrafo anterior.

A falha cometida no começo do segundo parágrafo se repete no terceiro, pois o estudante o inicia com “Se portanto”, o que não é adequado, além de não haver as vírgulas

necessárias, antes e após a palavra “portanto”. O parágrafo todo “Se portanto for considerar que o livro é melhor do que o computador não tem a mesma capacidade do que o livro.” é muito confuso, pois não fica claro o que o estudante quis dizer. Houve uma inversão nos dados apresentados, pois o livro não tem a mesma capacidade que computador, e o autor comete um engano na tentativa de usar o argumento em defesa de sua opinião, mas ainda assim, é preciso ordenar melhor as ideias e explicá-las de uma forma mais clara.

No terceiro parágrafo o estudante começa com um “sim”, respondendo a uma pergunta que não foi formulada. A construção “a capacidade entre os dois é divina” não é possível, o “entre” não cabe nesse contexto e deveria ser suprimido. Além disso, o uso do adjetivo “divina” não é adequado, pois torna a afirmação pouco confiável, visto que o livro tem uma extensão limitada e, portanto, pouca capacidade de armazenamento. A explicação que se segue “porque se mesmo algum dos dois for definitivo o que pode acontecer de fato”, não faz sentido algum, pois o “porque” não está explicando a capacidade divina de ambos. O “porque” poderia ser substituído por “e” para dar continuidade à frase e gerar sentido, mas para isso deveria ser corrigido também o uso do “se” já que também não está adequado nesse contexto. O “mesmo” poderia ser substituído por “realmente” ou poderia ser colocar logo após a palavra “for” para construir uma frase com sentido, que talvez corresponda ao que o autor intencionava, assim, a frase seria “e se algum dos dois for mesmo definitivo”, mas ainda assim, a ideia apresentada se mostra inacabada, pois o que se segue é “o que pode acontecer de fato”, que poderia ser um aposto, e seria necessário dar continuidade no raciocínio.

O quarto parágrafo, que se limita a uma frase “Mas entre o livro e o computador de fato, o melhor é o livro” é iniciado também com o “mas”, o que não é adequado pelos motivos já expressos acima. Além disso, falta uma vírgula entre “computador” e “de”.

No último parágrafo há, logo no início, a marca de pessoalidade “Na minha opinião”, o que não pode haver num texto dissertativo. Além disso, a frase “Na minha opinião é o livro o futuro e sempre será” não apresenta um sentido completo, não é uma construção clara.

4.2.2. Correções sugeridas

Diante da falta de sentido que o texto apresentou, o primeiro passo foi perguntar ao autor se havia entendido os textos da coletânea na leitura que havia feito, pois o texto não se mostrou claro quanto a isso. Pediu-se então para o estudante fazer mais uma vez uma leitura atenta dos textos apresentados no intuito de compreender quais eram os pontos de vista defendidos pelos autores. Era necessário ao aluno entender primeiramente do que os textos

falavam para em seguida refletir sobre a questão proposta e buscar argumentos que pudessem ser utilizados na defesa de seu próprio ponto de vista.

Foi dito ao estudante que, uma vez entendido o texto, ele poderia escrevê-lo novamente observado os erros cometidos como: erros de ortografia, marca de oralidade, a separação de sujeito e verbo, bem como a de verbo e predicado, a separação e junção inadequada de palavras, o mal uso de pronome, de preposição, de pontuação, de apostro, além da repetição de vocábulos, erros de concordância e uma ordenação muito confusa das ideias.

Ao aluno, foi dito também que era necessário que ele defendesse uma ideia, colocando argumentos que favorecessem isso e que, se por ventura, fosse necessário colocar argumentos sobre outro ponto de vista, estes deveriam ser usados como forma de reafirmar a argumentação, sem deixar dúvidas quanto ao ponto de vista adotado. Além disso, o estudante não precisava concordar com os textos apresentados, visto que a função deles era apenas servir de base para a reflexão e que, não necessariamente, eram textos corretos.

Feito isso, pediu-se ao aluno que tentasse escrever o seu texto novamente, prestando atenção em todos os erros elencados e também no uso de parágrafos na hora de escrever e principalmente para observar se não estaria escrevendo argumentos que se contradizem.

Pediu-se também que o estudante mostrasse no texto que havia lido a coletânea, inserindo em seu texto algum argumento utilizado por algum dos autores, ou qualquer indício de leitura.

Foi dito ao aluno para refletir e formar uma opinião sobre o assunto, visto que ela deveria ficar clara no texto. E, além disso, o texto deveria ser escrito em terceira pessoa, sem nenhuma marca de personalidade.

4.2.3. Segunda versão do texto

O futuro do livro

Na minha opinião é, deque a possibilidade do fim do livro é traumática, mas se o fim do livro é traumática, porque existem os livros ainda, então porque não param de fabricar livros.

Como qualquer, forma o livro ele traz mais informação do muitos objetos.

O Futuro do livro, haverá muitos anos, por que o livro ele é escrito não digitado, por que o livro ele é a melhor forma de pesquisa do que o computador.

Ex: O livro por ele, ser escrito ele dura mais do que um, computador.

O livro é bem, mais melhor do que o, computador, porque. O computador ele guarda vários programas e aquela coisa que você, procura pode estar lá mas você não sabe aonde. Se portanto, for considerar que o livro é melhor do que o computador mesmo que não tenha a mesma capacidade de pesquisa.

Mas se for definitiva o que pode acontecer de fato é, que o livro é melhor do que o computador, mas se for falar verdadeiramente, o computador pode ser o futuro mas o livro é o melhor. Ainda na opinião de muitas pessoas.

4.2.4. Análise

A segunda versão do texto apresentou melhoras, se comparado à primeira. No entanto, foram muitos os erros apresentados. O primeiro parágrafo do texto se inicia com a frase “Na minha opinião é, deque a possibilidade do fim do livro é traumática,” na qual pode ser observada a marca de pessoalidade, que deve ser suprimida em textos dissertativos, mas se não fosse o caso de retirar do texto, seria necessário retirar o “na” para ficar correto, outra possibilidade seria retirar “é, de que” e deixar o “na”. Nessa frase houve a separação do verbo e o predicado devido ao uso inadequado da vírgula, o que não pode ocorrer, houve também a junção da preposição “de” com o pronome “que”, o que também não pode ocorrer. A frase continua “mas se o fim do livro é traumática, porque existem os livros ainda, então porque não param de fabricar livros”. É importante observar que houve o uso correto da vírgula antes de “mas”. No entanto, o uso foi inadequado quando colocada entre as palavras “traumática” e “porque”. Com relação ao “porque”, este deveria ser escrito separadamente nos dois casos em que foi empregado, pois da forma como está significa uma explicação, com valor aproximado de “pois”, o que não corresponde ao que o autor queria expressar, já que a função do “porque” na frase é a de pronome interrogativo e, portanto, deveria ser “por que”. Como essa frase expressa uma interrogação, faltou o uso do ponto de interrogação tanto após “ainda” como após “livros”.

Fazendo a leitura do primeiro parágrafo, é possível notar que o estudante não compreendeu o sentido da palavra traumática, pois ele contradiz o sentido que a palavra apresenta, já que, dizer que a possibilidade do fim do livro é traumática pressupõe que o autor não concorda com o fim do livro, o que não ocorre no caso do texto apresentado. Vale ressaltar que essa foi uma opinião encontrada no texto I da coletânea, escrito por Sérgio Luiz

Prado Bellei, da Universidade Federal de Santa Catarina, no texto “O fim do livro e o livro sem fim”, que defendia a permanência do livro, devido à simbologia e importância enquanto parte da cultura. Além disso, o estudante não explicou o porquê dessa opinião, não deixou claro para o leitor o motivo por considerar o fim do livro traumático, faltou dar mais informações para o leitor, pois não há uma ideia completa.

A frase “Como qualquer, forma o livro ele traz mais informação do muitos objetos” constitui o segundo parágrafo. Nela podemos observar o mal uso de “como”, que poderia ser substituído por “de”, além do mau uso da vírgula. Outra possibilidade seria suprimir “Como qualquer, forma” e iniciar o parágrafo com a afirmação “o livro traz mais informação do muitos objetos”. Houve a retomada desnecessária do substantivo “livro” por meio do pronome “ele”, este último deveria ser retirado do texto. Além disso, entre “do” e “muitos” deveria ser acrescentado o pronome “que”. Neste parágrafo o estudante deveria ter desenvolvido a ideia, ficou muito vago o que escreveu, ele poderia ter dito o motivo pelo qual o livro traz mais informações que muitos objetos, deveria ter explicado que objetos são esses e quais as informações.

O terceiro parágrafo “O Futuro do livro, haverá muitos anos, por que o livro ele é escrito não digitado, por que o livro ele é a melhor forma de pesquisa do que o computador. Ex: O livro por ele, ser escrito ele dura mais do que um, computador” apresenta um mau uso das vírgulas pois não deveria haver separação do sujeito e predicado. O uso do “por que” não está correto, pois o mesmo indica uma interrogação e, na frase, a função seria de explicação, portanto, deveria ser substituído por “porque”, que não deveria vir separado por vírgula do que o precede. Houve mais uma vez a retomada desnecessária do substantivo “livro” por meio do pronome “ele”, sendo que este último deveria ser retirado do texto. Faltou colocar uma vírgula entre “escrito” e “não digitado” para marcar uma pausa. Outra possibilidade seria inserir um “e” entre ambos. O uso do “por que” é inadequado também, poderia ser substituído por “por isso” para dar sentido à frase. Houve novamente a retomada desnecessária do substantivo “livro” por meio do pronome “ele”, sendo que este último deveria ser retirado do texto. O uso do “a” também não está adequado, pois a construção feita não ficou correta. O “a” poderia ser retirada da frase, poderia também ser substituído por “uma” juntamente com o deslocamento de “melhor”, que poderia ser inserida após “pesquisa”. O parágrafo termina com “Ex: O livro por ele, ser escrito ele dura mais do que um, computador”, frase que poderia ser suprimida do parágrafo, pois não tem nenhuma ligação com os argumentos anteriores. Além disso, não deveria haver essa abreviação “ex”, o uso do verbo está inadequado, pois não se pode separar o sujeito e verbo, o oposto poderia ser utilizado, as vírgulas poderiam estar

logo após a palavra “livro” e antes da palavra “dura”. Além disso, houve duas vezes a retomada desnecessária do substantivo “livro” por meio do pronome “ele”, sendo que os pronomes deveriam ser retirados do texto, deixando apenas o substantivo no início da frase. Neste parágrafo, o estudante poderia explicar por quê o fato de livro não ser digitado faz com ele tenha futuro, porque o livro é uma melhor forma de pesquisa, quais as diferenças entre pesquisar em livros e em computadores, pois o parágrafo ficou muito pobre em informações, ideias.

No quarto parágrafo, na frase “O livro é bem, mais melhor do que o, computador,” pode ser observado o mau uso das vírgulas, que cria um aposto que não deve existir, além do uso incorreto de “mais”, que deve ser retirado da frase, pois somente “melhor” deve ser usado para fazer a comparação que o autor deseja. Além disso, há a separação do artigo definido “o” e do substantivo “computador”, o que não pode ocorrer. Logo após essa frase segue “porque. O computador ele guarda vários programas e aquela coisa que você, procura pode estar lá mas você não sabe aonde”, em que se pode verificar o mau uso tanto da vírgula que está separando a explicação do que precedeu, quanto do ponto, que está separando o “porque” da explicação que lhe segue, ambos deveriam ser retirados do texto. Pode-se observar novamente a retomada desnecessária do substantivo “computador” por meio do pronome “ele”, neste caso ambos poderiam ser substituídos por “este” ou “o último”. Em seguida temos o uso inadequado de vírgula separando o sujeito do verbo. O “aonde” deveria ser substituído por “onde”, já que o estudante não quer indicar movimento e, portanto, não deveria ser usado “aonde”, pois este só pode ser empregado quando quiser expressar a ideia de destino, de movimento, que não é o caso. O parágrafo se encerra com “Se portanto, for considerar que o livro é melhor do que o computador mesmo que não tenha a mesma capacidade de pesquisa”. Pode-se observar a falta do uso da vírgula entre as palavras “se” e “portanto”, mas a falta maior é a não finalização da ideia, pois as orações condicionais requerem um resultado da ação, portanto, o estudante deveria dizer o resultado que haveria se isso acontecesse.

“Mas se for definitiva o que pode acontecer de fato é, que o livro é melhor do que o computador, mas se for falar verdadeiramente, o computador pode ser o futuro mas o livro é o melhor. Ainda na opinião de muitas pessoas” constitui o parágrafo quinto, que é iniciado de forma incorreta, pois o “mas” tem a função de contrapor argumentos e, desta forma, é preciso que haja algum antecedente, sendo assim, não é possível essa construção. Neste caso, este parágrafo deveria ser uma continuação do primeiro ou o aluno deveria procurar outra maneira de começar o parágrafo. Sente-se falta de vírgulas depois de “mas” e antes de “o”, marcando um aposto. A vírgula aparece depois de “é”, mau colocada, portanto. Sente-se falta também

da vírgula após a palavra “futuro” e também o ponto colocado depois de “melhor”, deveria ser substituído por vírgulas. As ideias foram apresentadas de maneira muito confusa, não foi possível dar sentido ao que foi escrito pelo aluno. Quando o estudante diz “Mas se for definitiva” não se sabe o quê pode ser definitiva, não há nenhum referente. A construção “o que pode acontecer de fato é, que o livro é melhor do que o computador” não é adequada, pois não é possível entender o que o estudante quis dizer, já que, se o livro é melhor que o computador, isso significa que não é um fato que pode acontecer, mas algo que já é consumado. Além disso, há uma construção falha de ideias, pois se o livro é o melhor na opinião de várias pessoas, por que o computador pode ser o futuro? A substituição do livro não depende da aceitabilidade das pessoas?

4.2.5. Correções sugeridas

As correções gramaticais foram feitas no próprio texto do aluno, pois se entendeu que seriam mais visíveis os erros, se feito dessa maneira, o que facilitaria a refacção do aluno. Além das correções gramaticais, foi pedido ao aluno que não usasse a primeira pessoa do singular, mas que escrevesse sempre em terceira pessoa para que não houvesse marca de pessoalidade no texto.

Com relação às informações contidas no texto, foi perguntado ao estudante por que a possibilidade do fim do livro era traumática e se essa ideia não havia sido retirada do texto I apresentado na coletânea. Foi dito ao aluno que ele poderia citar o que os autores dos textos haviam dito, mas para isso ele deveria colocar as referências, deveria dizer quem era o autor do texto, de que texto foi retirada a ideia. Em seguida, ensinou-se ao aluno a maneira de fazer referência, foi dito que ele poderia fazer da seguinte forma: Segundo o texto (nome do texto) de (nome do autor) ou Segundo (nome do autor) autor do texto (nome do texto) e em seguida escrever o que desejava do texto do autor, mas que ainda assim deveria ser escrito com as próprias palavras. Além disso, foi perguntado ao aluno se ele havia entendido o sentido da palavra “traumática”, pois, se o fim do livro seria traumático, isso significava que o livro era importante e não poderia acabar, então, por que ele havia escrito que teriam que parar de fabricar livros?

Perguntou-se também ao estudante por que o livro traz mais informações que muitos objetos, quais eram esses objetos e que tipo de informação o livro traz. além de perguntar o motivo pelo qual o fato do livro não ser digitado garantirá o seu futuro, por que o livro é uma melhor forma de pesquisa e qual a diferença entre pesquisar em livros e em computadores.

No intuito de dar mais sentido ao texto, foi perguntado também ao aluno se no livro também não era necessário procurar as informações e se procurar no computador não era mais rápido. Além de pedir ao aluno para esclarecer qual a capacidade de pesquisa que ele entende que o livro apresenta e indicar os motivos de considerar o livro melhor que o computador.

Com relação ao último parágrafo foi questionado o que poderia ser definitiva, porque o livro era melhor e por que o computador poderia ser o futuro.

As perguntas foram feitas ao aluno e foi indicado onde era necessário acrescentar as informações, com isso esperava-se que o texto ficasse mais completo, com informações mais claras e argumentos mais sólidos, pois uma vez respondidas essas questões as ideias se tornariam mais ordenadas e claras dentro do texto. No entanto, o resultado obtido com a refacção do texto deixou claro que o trabalho com o autor do texto deveria ser um trabalho diferenciado, visto que o aluno tem dificuldade com a leitura, com a ortografia, com a gramática, com a ordenação das ideias, enfim, com a escrita num geral. O aluno não se mostrou capaz de entender a leitura dos textos da coletânea, assim como as sugestões e correções feitas ao texto, como pode ser observado na última versão do texto.

4.2.6. Terceira versão do texto

O futuro do livro

O futuro do livro como diz o escritor do texto I o Sergio Luiz Prado Bellei porque, a oportunidade do fim do livro é muito privilegiado por que o livro não pode ser mais visto.

Apesar que o computador ele é um ótimo, modo de pesquisa por que traz mais informação do que o necessário. O livro também é, melhor do que o computador por pra muitos que não sabe mecher a melhor opção para aprender mais porque, na opinião de muitas pessoas os dois tem capacidade de pesquisa mais a importancia do computador e do livro é a mesma.

Mas se for ver a forma melhor de fazer pesquisa o computador seria melhor apesar da pesquisa sair mais do que você quer.

Passamos agora para análise de uma segunda produção textual.

4.3. Texto 2 – Primeira versão.

O futuro dos livros

Hoje em dia o futuro do livro estão ameaçado pois com tanta tecnologia o livros estão sendo esquecidos. Os Jovens preferem usar as novas tecnologias do que ler um livro, pois acham que a tecnologia substitui o livro, mas ele nem pensam que sem os livros não teriam o conhecimento de varias coisas importantes.

Mas com tanta tecnologia os livros não serão esquecido pois tem, uma pequena minuria que prefere ler. Por isso garanta o seu futuro e o dos livros leia e tambem escreva suas historias, não faça que os livros sejam esquecidos, pois nem um tecnologia substitui um livro e numca vai, porque nos livros existem historia de nosso planeta muito antiga quando não existia nem um tecnologia.

“Pois pequeno leitores de hoje são os que vão se transformar em grande leitores e escritores do nosso futuro.”

4.3.1. Análise

A primeira versão do texto apresenta vários erros, como pode ser observado. O primeiro parágrafo do texto apresenta alguns erros, na primeira frase “Hoje em dia o futuro do livro estão ameaçado” há um erro de concordância, pois o verbo deveria estar no singular “está” concordado assim com “o futuro”. Faltou colocar uma vírgula no final da frase, já que o que vem em seguida é um “pois”. Na frase “Os Jovens preferem usar as novas tecnologias do que ler um livro” o “do que” deveria ser substituído por “a”, pois o verbo preferir requer regência “a”. E na frase “mas ele nem pensam que sem os livros não teriam o conhecimento de varias coisas importantes” há novamente um erro de concordância, pois o pronome está retomando “os jovens”, portanto, deveria estar no plural “eles” concordando também com o verbo que veio em seguida.

A conjunção “mas” é usada para dar início ao segundo parágrafo, o que não deveria ocorrer, pois a mesma indica contradição e não há nada que a antecede, portanto, não é uma construção possível. Na frase “com tanta tecnologia os livros não serão esquecido pois tem, uma pequena minuria que prefere ler” notamos o mau uso da vírgula, que deveria ter sido colocada antes da palavra “pois” e não entre as palavras “tem” e “uma”, pois não pode haver a

separação do verbo e predicado. Ainda nessa frase temos um erro de ortografia na palavra “minuria”, que deveria ser escrita como “minoria”. Na frase seguinte “Por isso garanta o seu futuro e o dos livros leia e também escreva suas histórias”, não deveria haver o ponto, pois é a continuação da frase anterior, além disso, notamos a falta de uma vírgula depois do “por isso”. A palavra “também” deveria ser acentuada, o que não ocorreu. No período que se segue “não faça que os livros sejam esquecidos, pois nem um tecnologia substitui um livro e nunca vai, porque nos livros existem história de nosso planeta muito antiga quando não existia nem um tecnologia” o verbo fazer deveria ser substituído pelo verbo deixar. Notamos um erro de tanto de ortografia quanto de concordância, pois temos “nem um”, onde deveria ser escrito “nenhuma”, erro de ortografia que se repete com relação à palavra “nunca”, que aparece escrita com “m”, “numca”. O verbo “vai” deveria ser escrito como “irá” e não deveria vir separado por vírgula do “porque”, já que é uma explicação do que veio antes. Pode-se observar um erro de concordância na palavra “história” que deveria concordar com o verbo, o mesmo acontece com a palavra “antiga”, que deveria concordar com “histórias”, o adjetivo “muito antigas” deveria ser colocado junto a “histórias”, além de haver novamente o erro de ortografia e concordância “nem um” no lugar de “nenhuma”.

Com relação ao último parágrafo, “Pois pequeno leitores de hoje são os que vão se transformar em grande leitores e escritores do nosso futuro” houve, primeiramente, a dúvida se se tratava de uma citação, devido ao uso das aspas, mas entendeu-se que não, que se trataria de mau uso das mesmas. O parágrafo se inicia com “pois”, o que não pode ocorrer, já que significa que antes deveria vir algo, nesse sentido, poderia ser uma continuação do parágrafo anterior. Pode-se observar um erro de concordância, pois a palavra “pequeno” deveria ser escrita no plural, de forma a concordar com “leitores”, o mesmo erro ocorre com a palavra “grande”.

4.3.2. Correções sugeridas

No intuito de melhorar não só a parte gramatical e ortográfica do texto, mas a parte informativa e de argumentação, foi perguntado ao estudante se havia compreendido os textos da coletânea, pois não havia indícios da leitura e compreensão dos mesmos, a não ser o tema apresentado. Foi dito para que fosse refletido o tema e adotado uma posição que poderia ser contra o tema proposto ou favorável a ele, que deveria ficar bem clara no texto. Além disso, foi pedido para observar se não estavam sendo escritos argumentos que se contradiziam.

Foi dito ao estudante para observar os usos das vírgulas e dos pontos, bem como se atentar para o uso dos parágrafos, além dos erros de gramática e ortografia, que foram assinalados no próprio texto.

Para que o texto se tornasse mais consistente, com informações mais claras, o estudante foi questionado acerca de que tipo de tecnologia era a que ele se referia em seu texto.

Foi pedido para que houvesse uma explicação dos motivos pelos quais os livros estariam sendo esquecidos e quais eram as coisas importantes que deixariam de ser conhecidas sem os livros, pois os livros não deixariam de existir, apenas seriam substituídos livros impressos por livros digitais, e assim, ainda haveria leitura.

O estudante foi questionado também se o computador também não poderia trazer os mesmos registros que um livro impresso, as mesmas histórias, etc.

4.3.3. Segunda versão do texto.

O futuro dos livros

Hoje em dia o futuro dos livros está ameaçado, pois com tanta tecnologias em celulares e computadores em aplicativos que os livros estão sendo esquecidos pois os jovens estão preferindo ficar jogando joginhos.

Os jovens estão muito apegados nos aplicativos que não tem noção do conhecimento que estão perdendo.

Mas com toda esta tecnologia os livros não serão esquecidos pois existe um pequena minoria que adoram ler. Por isso garanta o seu futuro e o dos livros, não deixe que os livros sejam esquecidos.

Mostre um pouco de você para o mundo, crie suas historias, faça um mundo melhor.

Una seu tecnologias com o futuro da leitura e eu terei certeza que vocês se daram muito bem, pois se você usar a leitura e a tecnologia para o bem vocês terão futuros brilhantes pois só assim você encentivara o adultos e as crianças a lerem mais.

“Pois os pequenos leitores de hoje, seram o futuro de amanha tanto dos livros tanto do mundo.”

4.3.4. Análise

A segunda versão do texto apresentou melhora, no entanto, há ainda vários erros. Na primeira frase do primeiro parágrafo, a palavra “tanta” deveria ser escrita no plural concordando com “tecnologias”. Houve um erro de ortografia, pois a palavra “celularis” deveria ser escrita com “e” na última sílaba. A preposição “em” deveria ser substituída por “com” entre as palavras “computadores” e “aplicativos”. O pronome “que” após a palavra “aplicativos” deveria ser suprimido e sentiu-se falta de uma vírgula antes de “pois”.

No segundo parágrafo houve um erro de concordância, pois o verbo “ter” deveria estar no plural e, portanto, deveria ser escrito com circunflexo na vogal.

A conjunção “mas” é usada para dar início ao terceiro parágrafo, o que não deveria ocorrer, pois a mesma indica contrariedade e não há nada que a antecede, portanto, não é uma construção possível. Ainda nesse parágrafo, sentiu-se falta do uso de uma vírgula antes de “pois”, houve um erro de concordância, pois o verbo “adorar” deveria concordar com “minorias” e, portanto, deveria estar no plural. Além disso, a última frase do parágrafo não deveria ter sido iniciada após o ponto, pois é a continuação da frase anterior, além de termos notado a falta de uma vírgula depois do “por isso”.

O quarto parágrafo se resume a “Mostre um pouco de você para o mundo, crie suas histórias, faça um mundo melhor”, além de ser muito curto, sem desenvolvimento, trata-se de um apelo, o que não deveria acontecer num texto dissertativo.

No quinto parágrafo a pronome possessivo “seu” deveria ser retirado, pois não dá sentido ao que o estudante quis escrever, outra possibilidade seria substituí-lo pelo pronome possessivo feminino e plural “suas” para concordar com “tecnologias”. A conjugação do verbo “dar” não está correta, pois deveria ser escrito “darem”, um erro que pode ser creditado à nasalização. Nesse parágrafo o estudante se dirige diretamente ao leitor, dando-lhe dicas, o que não deveria ocorrer, pois os argumentos usados deveriam convencer o leitor, sem que houvesse esse tratamento direto. Nesse tratamento existem alguns erros, visto que inicia usando “vocês”, no plural, e em seguida a usa “você” no singular, voltando depois para “vocês” novamente, e em seguida usa o “você” mais uma vez, além de não ser adequada essa repetição de “você”, o mesmo deveria estar no mesmo número concordando com o verbo, seja no plural ou no singular. Sentiu-se falta do uso de vírgulas antes dos “pois”, além de haver erros de ortografia, pois a palavra “incentivará” foi escrita com “e” no início e sem o acento na última sílaba, o que é muito importante, já que se trata de colocar o verbo no tempo verbal

correto. Além disso, houve também erro de concordância o “o” deveria estar no plural, concordando com “adultos”.

No que diz respeito ao último parágrafo, o mesmo se inicia com “pois”, o que não pode ocorrer, já que significa que antes deveria vir algo, nesse sentido, poderia ser uma continuação do parágrafo anterior. Pode-se observar um erro de conjugação verbal, pois o verbo “ser” está no futuro e, portanto, deveria ser escrito “serão”. Observou-se também um erro de ortografia, pois a palavra “amanha” não aparece acentuada. A palavra “tanto” é apresentada duas vezes, sendo que a segunda deveria ser substituída por “quanto”. Além disso, pode-se notar o mau uso das aspas, pois não se trata de uma citação.

4.3.5. Correções sugeridas

Com a intenção de melhorar mais o texto, o estudante foi questionado se, além de jogar joguinhos, os jovens também ficam em redes sociais, em salas de bate papo, enfim o que eles fazem no computador e foi pedido para que fosse exposto isso no texto para que houvesse mais informações, de forma a deixá-lo mais completo.

Foi pedido ao aluno para mostrar o que os jovens poderiam fazer em vez de ficar jogando no computador, mostrar um leque de possibilidades, mostrar também o que eles perdem dedicando o tempo a jogos.

O estudante foi questionado acerca do por que ler livros impressos é melhor do que ler livros digitalizados, dizer por que algumas pessoas gostam de ler livros e quais as vantagens de ler livros impressos.

Foi dito ao estudante que a ideia de fazer uma junção entre tecnologia e leitura é muito boa, no entanto, essa ideia não ficou clara no texto, além de não ser bom utilizar esse tratamento direto, como uma forma apelativa, na tentativa de convencer o leitor.

O aluno foi questionado acerca do sentido da frase que constitui o último parágrafo, foi dito que as aspas só devem ser usadas quando se trata de uma citação, além disso, o parágrafo poderia ser uma continuação do parágrafo anterior.

4.3.6. Terceira versão do texto.

O futuro dos livros

Hoje em dia o futuro dos livros esta ameaçado, pois com tantas tecnologias em celulares e computadores, com tantos aplicativos, os livros estão sendo esquecidos, pois os jovens estão preferindo ficar em redes sociais, salas de bate papo, jogando joguinhos.

Eles estão muito apegados nos aplicativos que não tem noção do conhecimento que estão perdendo, pois poderia ler mais, mas muitos tem preguiça de fazer isso.

Mas apesar de toda essa tecnologia, os livros não serão esquecidos, pois existe uma pequena minoria que adoram ler livros impressos, pois ler livros impressos voce pode carregar para todos lugar, pois lendo você melhora seu conhecimento, sua fala e sua leitura.

Por isso garanta o futuro dos livros é importante e não deixe que os livros sejam esquecidos, pode ser possível através da criação de novas histórias novas, que despertem mais o interesse dos leitores, do crescimento no número de autores e da redução do custo do livro impresso.

Unir tecnologia e livro é uma maneira saudável de incentivar os jovens e as crianças a lerem, pois fazendo essa junção, a leitura se torna constante no dia-a-dia deles já que a leitura invadiria o espaço para o qual eles reservam a maior parte do tempo livre.

Passamos para a análise de uma terceira produção textual.

4.4. Texto 3 – Primeira versão.

O futuro do livro

De fato será extremamente difícil ocorrer a total substituição do livro impresso pelas tecnologias E-READER'S, por diversos motivos.

A ONU recomenda o hábito de leitura regular, para desenvolvimento do intelecto e para obter o método mais saudável, de descontração, porém o contato excessivo com o LCD tornaria esse hábito muito menos saudável para a visão.

Por sua vez, um livro é capaz de armazenar toda uma sociedade, seus costumes, seus preceitos e suas culturas, o que seria muito difícil preservar dentro de um apetrecho tecnológico.

A parte digital é mais facilmente danificada, e as pessoas provavelmente descartariam

toda a obra e seus valores, além do risco de perder os dados para as ameaças virtuais

Algumas marcas como a APPLE e a Microsoft tem um altíssimo status no mercado, o que dificultaria a acessibilidade, principalmente em um país como o Brasil, onde a fabricação de tecnologias é tão escassa, onde infelizmente contribuímos apenas com a matéria prima, e muito pouco com a parte lógica dos produtos prontos.

E ainda depois de muitos anos ainda existirão muitas pessoas conservadoras e que não trocariam o bom e tradicional livro impresso.

4.4.1. Análise

O texto, em sua primeira versão, apresenta alguns erros. O primeiro parágrafo do texto se inicia com “de fato”, o que não é correto, pois remete a um argumento que já deveria ter sido apresentado anteriormente, reafirmando-o. Talvez esse “de fato” esteja fazendo referência a alguma opinião lida nos textos da coletânea, mas ainda assim esse uso é inadequado, pois o leitor terá acesso somente ao texto e não à coletânea, portanto, ele deve conter todas as informações necessárias para o pleno entendimento. O parágrafo termina com “por diversos motivos”, no entanto, esses motivos não são apresentados.

Os motivos que faltaram ao parágrafo anterior são expostos no segundo e no terceiro parágrafo do texto, que deveriam vir no primeiro parágrafo. Pode-se observar um erro ortográfico na palavra “habito”, escrita sem o acento. Entre as palavras “saudável” e “de” pode-se observar o mau uso da vírgula, pois a mesma não deveria ter sido colocada. Além disso, “Por sua vez”, que inicia o terceiro parágrafo do texto, deveria ser substituído por outra expressão que desse o sentido desejado ao texto, poderia ser substituído, por exemplo, por “além disso”.

No quinto parágrafo, sentiu-se falta de vírgulas depois de “marcas” e antes de “tem” para marcar um aposto. Houve um erro de concordância no verbo ter, pois deveria estar no plural e, portanto, ser escrito “têm”, com acento. Na frase “contribuímos apenas com a matéria prima e muito pouco com a parte lógica dos produtos prontos”, o uso do “apenas” não está adequado, pois pressupõe que só se contribui com a matéria prima e não se colabora de nenhuma outra maneira, o que não corresponde ao que o estudante escreveu.

A conclusão feita no sexto parágrafo ficou desligada das ideias que vinham sendo apresentadas no texto, seria necessário adequá-la ao que havia sido dito e deixá-la mais sólida e convincente.

4.4.2. Correções sugeridas

No intuito de deixar o texto mais completo, com mais informações e argumentos mais sólidos, perguntou-se ao aluno se o “de fato” estava remetendo a alguma opinião lida nos textos, explicando que não era adequado iniciar uma dissertação dessa maneira. Foi dito a ele que, se a resposta para a pergunta anterior fosse sim, então havia a necessidade de dizer a ideia do autor, em qual texto ela se encontrava, colocando as referências.

Foi dito ao estudante que se a recomendação da ONU é um dos motivos que dificulta a total substituição do livro o parágrafo deveria ser a continuação do parágrafo anterior, assim como o parágrafo seguinte, que se inicia com “Por sua vez”, que deveria ser substituído por outra expressão que desse o sentido que o estudante queria dar ao texto e que uma possibilidade seria substituí-lo por “além disso”. Foi dito também que a sigla ONU, deveria ser escrita por extenso, pois poderia haver leitores que não compreendessem o seu significado.

O aluno foi questionado acerca da dificuldade de deixar registrado, ou melhor, armazenado no livro os costumes, a cultura, etc, de uma sociedade, pois para o leitor há a possibilidade de transmitir essas informações para as próximas gerações também por meio digitais.

Foi dito ao aluno para explicar por que a parte digital é mais facilmente danificada e por que as pessoas descartariam toda a obra e seus valores se fossem armazenadas em meios digitais, além de ter pedido que esclarecesse para o leitor quais são os riscos, quais as ameaças virtuais, se são vírus ou não.

Foi perguntado ao aluno por que o status de algumas marcas dificultaria a acessibilidade às tecnologias. Perguntou-se se o motivo seria o custo elevado e foi dito que se a resposta fosse sim, se com o aumento das compras dos produtos não haveria uma diminuição nos custos para a aquisição.

Para completar o sentido da última frase do texto foi dito ao estudante para explicar o motivo pelo qual as pessoas conservadoras insistiriam em usar o livro impresso.

4.4.3. Segunda versão do texto.

O futuro do livro

Diante das condições, em especial a economia, será extremamente difícil ocorrer a total substituição do livro impresso pelas tecnologias e e-readers.

A OMS recomenda o hábito de leitura regular, para desenvolvimento do intelecto e para obter o método mais saudável de descontração, o que é contraditório em se tratando de leitura virtual, pois o contato excessivo com o LCD é prejudicial à saúde.

Um livro é capaz de armazenar toda uma sociedade, seus costumes, seus preceitos, o que hoje é muito pouco priorizado e preservado pelo homem e acabaria se perdendo nos meios digitais.

A parte digital é mais facilmente danificada, pois nem sempre é possível recuperar arquivos de máquinas queimadas, além das inúmeras espécies de vírus que degradam esses arquivos.

Algumas marcas como a Microsoft e a APPLE têm um altíssimo status no mercado, o que dificultaria o acesso às tecnologias, principalmente em um país como o Brasil, onde a fabricação de tecnologias é tão escassa, e se contribui muito com a parte física, matéria prima, e pouco com a parte lógica, softwares. Além disso, vivemos sob o regime capitalista, que aumenta o preço conforme a rotatividade.

Se o livro impresso será erradicado ainda é muito abstrato se dizer, pois ambos possuem prós e contras, porém particularmente prefiro preservá-lo por possuir marcas de minha personalidade, adolescência.

4.4.4. Análise

A segunda versão do texto apresentou melhora, visto que a maioria das sugestões foi atendida. No entanto, no quinto parágrafo ainda faltou colocar as vírgulas depois de “marcas” e antes de “tem” para marcar um aposto.

No último parágrafo, na frase “Se o livro impresso será erradicado ainda é muito abstrato se dizer” pode ser observado um erro ortográfico e de construção, pois o segundo “se” deveria ser substituído por “de”. Além disso, o último parágrafo apresentou marcas de pessoalidade “prefiro”, “minha”, o que não deveria ocorrer num texto dissertativo.

4.4.5. Correções sugeridas

Na intenção de melhorar ainda mais o texto foi dito ao aluno para completar o sentido do primeiro parágrafo “Diante das condições, em especial a economia, será extremamente difícil ocorrer a total substituição do livro impresso pelas tecnologias e e-readers.”, explicando por que será difícil haver essa substituição.

Foi pedido ao aluno para escrever a sigla OMS por extenso, explicando o seu significado, além de explicar ao leitor como ter acesso às informações apresentadas, colocando as referências de modo a possibilitar que os leitores encontrem as recomendações. Para isso, foi dito ao aluno que ele poderia escrever dessa forma: Segundo o texto (nome do texto) de (nome do autor), publicado em/no (lugar em que foi publicado ou o ano em que foi publicado) e escrever o que ele queria escrever do texto do outro.

O aluno foi questionado acerca do por que seriam perdidas as informações no meio digital, por que no meio digital seriam ainda menos priorizadas e se os arquivos digitais teriam menos importância simbólica.

Foi pedido ao estudante para apresentar os prós e contras dos livros impressos e dos digitais. Além disso, foi dito ao aluno para fazer a substituição da marca de personalidade “prefiro/minha personalidade”, escrevendo em terceira pessoa como havia feito nos parágrafos anteriores.

4.4.6. Terceira versão do Texto.

O Futuro do Livro

Ainda é abstrato o horizonte no qual o livro impresso terá sido completamente substituído pelas tecnologias e-readers, principalmente levando em consideração a situação econômica de países como o Brasil. Em todo artigo lançado pela Organização Mundial da Saúde – OMS, nos meios de comunicação e mídia, é ressaltada a importância do hábito regular de leitura, para se obter o método mais saudável de descontração, o que é contraditório em se tratando de leitura virtual, pois o contato excessivo com o LCD é prejudicial à saúde.

Um livro é capaz de armazenar toda uma sociedade, seus costumes, convicções e preceitos, o que hoje é pouco valorizado, tem menos valor simbólico, valor ganhado ao longo do tempo e que acabaria se perdendo no meio digital, pois o modo de vida levado pela sociedade atual, a busca frenética por tempo e espaço no HD, fariam todos esses patrimônios históricos perderem ainda mais os seus devidos valores. Além disso, a parte digital é mais facilmente degradada, pois nem sempre se é possível recuperar arquivos de máquinas danificadas, além de inúmeras espécies de vírus que corrompem esses arquivos.

Algumas empresas como a Microsoft e a Apple têm altíssimo status no mercado, o que

dificulta o acesso aos apetrechos tecnológicos, principalmente em um país como o Brasil onde a fabricação desses produtos é tão escassa e contribui-se muito pouco com a parte lógica e excessivamente com a parte física, além disso, vivemos sob o regime capitalista, que aumenta os preços conforme a rotatividade.

É difícil dizer se o livro impresso será ou não substituído por questões de custos, questões ambientais, etc. Mas com certeza uma infinidade de pessoas dará preferência unanime ao livro impresso, que possui histórias e valores, marcas da personalidade das pessoas.

SEÇÃO 5: O DESEMPENHO GERAL DA CLASSE

O trabalho com reescrita resultou numa melhora na produção textual dos estudantes. A primeira e a segunda versões do texto foram realizadas por todos os alunos, no entanto, a terceira versão foi entregue por cerca de 10 estudantes apenas, isso aconteceu devido à troca de professores, pois o trabalho iniciou-se nas aulas de um professor, mas com a virada do aluno letivo, inevitavelmente houve uma mudança na distribuição das aulas e no quadro de professores.

Os textos um e três, apresentados neste trabalho, são a representação de dois extremos, um texto considerado ruim e um texto considerado bom. O texto dois serve como ilustração do desempenho da sala, visto que é o mais próximo aos textos de todos os demais estudantes.

O texto ruim caracteriza uma exceção, já que os erros ali contidos não foram possíveis de serem corrigidos, pois o estudante possui sérias dificuldades, que não são possíveis de serem resolvidas apenas com essas atividades de reescrita. O aluno precisa de um trabalho mais intenso, de mais prática, de um acompanhamento maior pelo professor, pois foi possível observar que ele tem pouco domínio da língua escrita e da leitura, ele não consegue entender os textos que lê, talvez se esse tipo de atividade fosse feito com ele, já há bastante tempo o resultado teria sido mais satisfatório, pois a prática regular da escrita e da leitura poderia sanar as dificuldades que o aluno apresenta. É importante ressaltar que não foi a reescrita que não funcionou, ela de uma maneira bem sutil trouxe melhora, mas não foi suficiente na quantidade que foi realizada, já que três versões de um texto não seriam mesmo suficientes para resolver problemas de mais de 10 anos de ensino falho.

O texto bom também caracteriza uma exceção, visto que foi o único texto que não apresentou tantos erros e que trouxe informações mais sólidas e argumentação melhor construída, que demonstrou domínio da leitura e compreensão da proposta apresentada.

Com relação ao texto dois, é uma ilustração representativa dos textos das salas, pois apresenta os mesmos erros cometidos pelos demais estudantes em geral, que vão desde erros de ortografia, marca de oralidade, a separação de sujeito e verbo, bem como a de verbo e predicado, a separação e junção inadequada de palavras, o mau uso de pronome, de preposição, de pontuação, de apostro, além da repetição de vocábulos, erros de concordância e uma ordenação muito confusa das ideias e até cópias de trechos gerados pela falta de referência.

De um modo geral, os estudantes pressupõem o conhecimento da coletânea pelo seu leitor, isso porque estão acostumados a escrever textos como uma atividade escolar apenas,

sem que isso faça sentido para eles, sem que entendam efetivamente o processo significativo que está por trás dessa produção.

Os alunos não conseguem fazer uma interpretação profunda dos textos, talvez por isso não consigam criar argumentos sólidos e convincentes, se limitando a dizer algo do que o texto diz, sem, muitas vezes, adotar uma posição diante do que escreve. Isso ocorre porque os professores costumam corrigir os erros da modalidade escrita apenas, muitas vezes o texto não tem conteúdo, mas não apresenta erros gramaticais e ortográficos e devido a isso recebe uma nota alta. Isso faz com que o aluno não melhore sua produção, não desenvolva sua escrita, não porque não queira, mas porque não há a indicação dos erros, das falhas que comete e tampouco do que seria necessário fazer para deixar o texto melhor. O aluno não é capaz de compreender isso sozinho, a menos que esteja adaptado a realizar leituras de modo constante, o que ficou claro que não é o caso desses alunos. No entanto, a culpa de não haver as indicações dos erros, a devida correção, ou melhor, revisão dos textos não deve ser creditada ao professor, pois muitas vezes, ele é impedido de realizar o trabalho de reescrita dos textos por ter uma jornada semanal de mais de 40 horas, tendo ainda que fazer o planejamento das aulas e a correção de todas as atividades trabalhadas.

Os erros cometidos pelos estudantes devem servir de base para o professor chegar às falhas de sua metodologia de ensino, principalmente, no que diz respeito à produção textual e, nisso, o olhar de detetive proposto pelo paradigma indiciário é muito válido, pois permite que o professor não só veja, mas seja capaz de observar, de analisar, de fato, os textos. Além disso, o olhar atento do analista pode servir para buscar compreender a causa dos erros, a realidade que está por trás dele para ser possível, se não resolvê-los por completo, ao menos amenizá-los, e para isso, não basta corrigir problemas da língua escrita.

Para que o trabalho com a produção escrita seja um trabalho bem feito, a prática da leitura é muito importante, pois uma vez desenvolvida a capacidade de leitura, a partir daí é possível desenvolver a capacidade de escrita, pois ter um conhecimento mínimo sobre determinado assunto permite escrever um texto completo, com bons argumentos e que, acima de tudo, que tenha conteúdo. O professor deveria fazer a motivação da leitura; talvez em sala de aula, isso não seja possível, pois há um calendário a ser cumprido, mas a leitura de textos extraclasse poderia ser incluída no cronograma das aulas e ser pedido um retorno da parte dos alunos. Isso poderia ser feito por meio da indicação de vários tipos de textos, que pudessem de alguma forma despertar o interesse do aluno, visto que existe uma preferência de leitura em cada sujeito, que poderia ficar livre para fazer a leitura do que mais lhe agrada, seja poesia, romance, textos jornalísticos, contos, crônicas, etc.

O professor também poderia ajudar o aluno a entender o que lê, ele poderia possibilitar ao aluno enxergar as mais diversas leituras possíveis de um único texto, poderia possibilitar essa contextualização das leituras. Ele poderia mostrar a possibilidade de articular as ideias de um texto com outros textos, ou com questões ideológicas, contextos sociais, cultura, etc., para que fosse possível ao estudante entender, de fato, e sair do nível superficial de leitura e escrita.

Algo que poderia funcionar no ensino de produção textual, pensando na dificuldade de realizar um trabalho com cada estudante de forma individual, seria fazer a leitura de textos argumentativos em sala de aula e chamar atenção para as estratégias utilizadas pelos autores, desde elementos próprios da língua, como a gramática e a ortografia, a forma de paragrafação, como o estabelecimento da coesão e da coerência e a própria construção da argumentação para que os estudantes fiquem conscientes das possibilidades que dispõem para a construção dos próprios textos e tenham a mínima noção de como escrever um texto bom. Talvez, deixando visível para os estudantes os erros e as dificuldades de entendimento que eles geram no texto, isso faria com que eles conseguissem olhar com olhos mais atentos os próprios textos, tentando observar suas próprias falhas e buscando maneiras de melhorar sua escrita, pois o aluno ciente das propriedades linguísticas e discursivas disponíveis para a produção de textos teria mais autonomia para escrever seus próprios textos.

Na prática de produção de texto, como já exposto, a reescrita deveria ter um papel de destaque, para dar a oportunidade de o aluno refletir sobre seus erros e melhorar seu texto. Isso poderia ser feito da mesma maneira que foi feito neste trabalho. O professor, com a primeira versão do texto do aluno em mãos, poderia realizar uma correção atenta, voltada não só para erros de escrita e textualidade, mas para a argumentação, para as informações contidas no texto, indicando ao estudante o que poderia ser feito para melhorá-lo. Dessa forma, o aluno, diante das anotações feitas pelo professor, seria levado a compreender seus erros, o que não é capaz de fazer sozinho. Assim, o professor deixaria de ser apenas o avaliador do texto, atento ao uso correto da norma culta, da gramática e passaria a ser o leitor do aluno, no intuito de dar sentido ao que ele escreve.

Através da refacção, a produção de textos deixaria de ser, para os alunos, uma simples atividade de cunho escolar, ela passaria a ser uma forma de interlocução com o professor, que não mais seria o avaliador, mas alguém que quisesse compreender o texto. Assim, a produção faria sentido para o aluno, não seria apenas a realização de uma tarefa solicitada, sem propósito aparente, e isso faria com que ele buscasse um desempenho linguístico mais favorável, visto que o aluno receberia um retorno do professor, que iria muito além de uma

nota de zero a dez, que não traz nenhuma contribuição verdadeira para o desenvolvimento das habilidades do aluno e daria as condições necessárias para a progressão linguística.

CONCLUSÃO

Analisar os textos através de um olhar de detetive, a partir dos conceitos teórico-metodológicos do paradigma indiciário permitiu o reconhecimento de muitos erros nas produções textuais dos estudantes e através da reescrita foi possível chegar a uma melhora. A redação de número dois é a que representa o tipo de produção textual encontrada nas salas de aulas dos 2º anos da Escola Estadual Professor Martinho Rubens Belluco e, através dela, é possível chegar a algumas conclusões gerais, pois ela é um dado singular, que permite essa generalização, já que não se trata de qualquer redação e nem de qualquer estudante.

Os textos de números um e três constituem dois extremos, pois ambos são diferenciados dos demais textos encontrados nas salas. A produção textual de número três sai um pouco do padrão de escrita dos textos por utilizar vários recursos para tornar o texto mais consistente. O aluno demonstra domínio de argumentação e torna o texto mais persuasivo, apresentando fatos da realidade comprovados por meio de referências a textos relacionados à saúde. O estudante utilizou as informações dadas na coletânea, trabalhando-as e articulando-as com outros conhecimentos de mundo já adquiridos.

A produção de número um sai também do padrão porque não apresenta argumentação própria, não existe coerência na argumentação, que não tem a força argumentativa necessária para convencer o leitor, apresentando comentários dispersos, ingênuos e desarticulados. O estudante se traiu no texto, pois ora se apresentava contra, ora a favor do fim do livro, isso porque não conseguiu entender os textos que leu, não conseguiu interpretar as informações que lhe foram dadas. O que parece ficar claro é que o estudante não tinha ou não sabia o que dizer, pois suas opiniões e argumentos ficaram escondidos no texto, visto que ele tentava concordar com a coletânea, mas ao mesmo tempo, colocava argumentos contrários, pois não a entendia.

Diante da melhora apresentada nos textos, pode-se concluir a pertinência do paradigma indiciário na prática de correção dos textos feita pelo professor, já que o mesmo permite a compreensão de fatores que estariam escondidos nos erros apresentados, tais como a necessidade de leitura, a necessidade de um trabalho mais intenso em sala no que diz respeito à gramática, ortografia, coerência, coesão, etc., o que possibilita a indicação para o professor de pontos a serem melhorados, de acordo com a necessidade de cada aluno, o que fica claro com a prática da refacção, como alternativa para o progresso da escrita.

Com a prática da refacção de textos, o aluno passa a manipular os erros dentro de seu próprio texto e faz com que ele aprenda as diversas formas de expressar suas ideias, de

organizá-las. Além disso, no momento da refacção, o professor, pode perceber as carências de leitura do aluno e indicar-lhe textos que ajudarão na construção da argumentação, de forma a desenvolver melhor o tema.

O uso da metodologia do paradigma indiciário, bem como a reescrita, viabiliza uma maneira discursiva de trabalhar o texto, considerando a produção textual dentro de um processo, em que o texto não é um produto acabado que deve ser simplesmente avaliado, transformando, assim, a simples atividade escolar numa atividade que realmente faz sentido para o aluno.

REFERÊNCIAS

DUARTE, Cristiane. **Uma análise de procedimentos de leitura baseada no paradigma indiciário**. 1998. 166 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1998.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In:_____ **Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História**. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179.

POSSENTI, Sírio. **Aprender a escrever (re)escrevendo**. Brasília, DF: MEC, 2005. 64 p. (Linguagem e letramento em foco)

POSSENTI, Sírio; CAVALCANTI, Jauranice Rodrigues; MIQUELETTI, Fabiana. **Reescrita de textos: sugestões de trabalho**. Brasília, DF: MEC, 2008. 56 p. (Linguagem e letramento em foco)

VUNESP. **Vestibular meio de ano 2011 UNESP**: prova de conhecimentos específicos e redação. São Paulo: VUNESP, 2011. Disponível em: www.vunesp.com.br/vnsp1105/. Acesso em 02 set. 2011.

BIBLIOGRAFIA

BENTES, Anna Christina. *Linguística Textual*. In. Mussalim, Fernanda e Bentes, Anna C. (orgs.) **Introdução à Linguística - domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001

FÁVERO, Leonor Lopes. **Coesão e Coerência Textuais**. São Paulo: Ática. (9^a ed.), 2002

FÁVERO, Leonor Lopes e Ingedore G. Villaça KOCH. **Linguística textual: uma introdução**. São Paulo: Cortez (4^a ed.), 1998

FARGETTI, Cristina Martins. **Coesão e coerência: algumas questões**. Piracicaba: Editora Unimep, 2006

FRANCHI, Eglê. **E as crianças eram difíceis...** São Paulo, Martins Fontes, 1984

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997

_____. **A coesão textual**. São Paulo : Contexto, 1998 (1^a ed. 1989)

_____. e Luiz Carlos Travaglia. **A coerência textual**. São Paulo: Contexto, 1998 (1^a ed. 1990)

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. **O texto na alfabetização - coesão e coerência**. Campinas: Edição da Autora, 1997.

PÉCORA, Alcir. **Problemas de Redação**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

THEREZO, Graciema Pires. **Como corrigir redação**. São Paulo: Editora Alínea, 1997.